

## Reflexão Bíblica para o ano da misericórdia: *O próximo misericordioso* (O Bom Samaritano: Lc 10,25-37).

Autor: Pe. Naveen Rebello, svd, - Roma, 07/06/2016.



### O Próximo Misericordioso (Lc 10,25-37)

***“Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixando-o semimorto” (v.30)***

Durante os meus estudos na Terra Santa (na Universidade Hebraica de Jerusalém), em 2013, tive a oportunidade de ir muitas vezes por essa estrada perigosa de Jerusalém para Jericó com meu professor e meus companheiros da história do NT. A estrada entre os dois pontos é de cerca de 26 Km e passa através do WadiQelt. Geograficamente, o WadiQelt é um vale que se estende de oeste para leste no deserto da Judéia. Cada vez que passava por ali, o nosso professor ou meus colegas, lembravam de Jesus e dos seus discípulos, que poderia ter andado nesta parte do deserto, e de como esta parábola tinha causado um forte impacto naqueles que escutaram Jesus, pois eles estavam sempre expostos a um risco iminente neste caminho perigoso.

Sem dúvida, a parábola do *Bom Samaritano*, em Lucas 10,25-37, é uma das mais conhecidas e apreciadas parábolas do NT. Ela tem ido além do âmbito bíblico, e tão grande tem sido o seu impacto no mundo secular que muitas organizações de ajuda e serviços de emergência são denominadas 'O Bom Samaritano'. Esta parábola está localizada na narrativa lucana da viagem de Jesus a Jerusalém com seus discípulos (Lucas 9, 51-19: 44). Esta parábola é, sem dúvida, a parábola mais provocadora de Jesus, que visa unir o amor de Deus e o amor ao próximo como os dois lados de uma mesma escada. *“O que devo fazer para herdar a vida eterna?”* Tudo começa com a pergunta de um especialista na Lei, (v.25) Em resposta, Jesus e o especialista na Lei concordam que o amor a Deus (Deuteronômio 6, 5) e o amor ao próximo (Levítico 19,18) são as condições necessárias para alcançar a vida eterna. No entanto, o diálogo não termina aí, mas adquire um toque interessante. As palavras "querendo se justificar" ( v.29 ), do perito na Lei, indicam que queria enganar Jesus para que ele mostrasse o que realmente entendia do amor ao próximo, conforme está definido na Lei. Talvez ele esperava que Jesus definisse e demarcasse o próximo como sendo os amigos e

os parentes. No entanto, Jesus transcende todas as fronteiras sociais, religiosas, culturais, bem como aquelas de familiares e amigos, de ricos e pobres, de próximos e distantes, de lugares e crenças, e narrando o Bom Samaritano, nos mostra que nós podemos tornarmos 'vizinhos' (próximos) de todos aqueles que estão em apuros. Portanto, ele afirma a superioridade do amor sobre o legalismo.

Os personagens da história: o *sacerdote*, o *levita* e o *samaritano* são anônimos, porém são identificados por suas identidades religiosas e étnicas. Isso destaca a relação frequente entre judeus e samaritanos, marcada pela *hostilidade*. Os samaritanos tinham um credo de quatro aspectos: 1) Um Deus: YHWH (Javé); 2) Um profeta: Moisés; 3) Um livro: A Torá; e 4) Um único lugar de culto: o monte Garizim. Os judeus concordaram com os samaritanos em "Um Deus" e discordavam do resto. Uma das causas de atrito entre ambas comunidades em relação ao culto, transparece no diálogo entre Jesus e a Samaritana em Jo 4, 20: em que montanha deve-se adorar a Deus? Na montanha de Jerusalém ou no monte Garizim, onde o adoram os samaritanos? Dadas essas tensões entre judeus e samaritanos, ambos grupos tentavam evitar passar através do território do outro, e aqueles que viajavam para a Galilea davam uma volta na viagem para evitar passar pela Samaria. No final da parábola, este sentimento de atrito é evidente nas palavras do legalista, que não queria reconhecer que foi o *samaritano* que usou de misericórdia para com o moribundo, e para não mencioná-lo, ele diz: "Aquele que ..."

O leitor pode facilmente discernir que o *sacerdote* e o *levita* são representantes do *judaísmo*, que deveriam ter sido exemplos de piedade e socorro para o moribundo. Os sacerdotes foram, basicamente, consagrados para o serviço do templo, enquanto que os levitas, que também estavam associados ao templo, tinham uma especial dedicação à Lei, ajudando o povo a adorar a Deus e a cumprir as suas obrigações para com Ele. Mas nenhum deles ajudou o moribundo. Talvez eles tinham medo de ficar 'contaminados'. De acordo com a lei mosaica, quem tocou um cadáver ficava impuro por uma semana. A Lei previa que, se alguém estava contaminado e, em seguida, realizaria uma ação ritual, ficaria excluído de Israel (cf. Nm 19, 11-13). Numa situação em que eles tinham que escolher entre ajudar um moribundo (correr o risco de ser contaminado) e observar as leis de pureza ritual (ignorando os feridos), o sacerdote e o levita escolheram o último. Ambos viram o moribundo e passaram por outro lado, ignorando assim os "necessitados na carne".

O que eles evitaram fazer, é precisamente o que fizera um *samaritano*, um inimigo, um estranho, um estrangeiro. Este é o paradoxo mais evidente da história. Ele *viu* o moribundo e "*teve compaixão*" ( v.33 ) . O verbo grego que expressa a compaixão do samaritano para com o moribundo é *splanchnizomai* (= ter compaixão), que significa, literalmente, *sentir o interior do outro*. Este verbo é derivado do substantivo *splanchna*, que significa *intestinos*. Isto implica que a compaixão do samaritano não é um sentimento transitório, de uma misericórdia superficial, mas de uma compaixão visceral profunda, que brota do seu eu mais íntimo.

A *compaixão* sentida pelo samaritano é traduzida em *ação*, cuida do moribundo. A parábola narra com a máxima precisão uma série de ações específicas realizadas pelo samaritano: foi até o homem caído e curou as feridas, derramando nelas azeite e vinho, colocou-o em seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria onde cuidou dele durante a noite (quando havia mais risco de morrer). No dia seguinte, ele pagou dois denários ao hospedeiro (equivalente a dois dias de salário) e garantiu-lhe que a seu retorno lhe compensaria se houvesse outras despesas. Realmente andou uma milha a mais!

Vale ressaltar que, desde o início até o fim, a parábola não especifica a identidade religiosa ou étnica do moribundo, se ele era judeu ou pagão, nem seu status social ou econômico, se era pobre ou rico. Em vez disso, concentra-se na *reação* dos personagens e suas ações *ao ver o moribundo*. Ao contrário do sacerdote e do levita que tinham abandonado e deixado sozinho o viajante, o samaritano foi misericordioso. Sua atitude de cuidar o moribundo mostra que a *compaixão* não deixa ninguém indiferente ou insensível à dor dos outros, mas nos obriga a mostrar *solidariedade* para com aqueles que sofrem. O samaritano escolheu abrir seu coração e responder às necessidades humanas reais do moribundo. Ele não parou por curiosidade, mas pelo amor compassivo. Nesse momento nasceu um próximo!

Santo Ambrósio de Milão muito bem disse, "*A misericórdia, não o parentesco, faz alguém tornar-se próximo.*" (Expo. Lc 7, 84). Isto repete Papa Bento XVI na sua encíclica *Deus Caritas Est* (Deus é amor), n. 15: "O Bom Samaritano (cf. Lc 10, 25-37) oferece dois esclarecimentos importantes. Embora o conceito de "próximo", até então aplicado aos concidadãos e aos estrangeiros que se tinham estabelecido na terra de Israel, e, portanto, à comunidade compacta de um país ou de um povo, agora este limite desaparece. Meu próximo é qualquer um que precisa de mim e ao qual eu possa ajudar. O conceito de próximo fica universalizado, mas continua a ser concreto. Embora se estenda a todos os homens, o amor ao próximo não se reduz a uma atitude genérica e abstrata, pouco exigente em si, mas requer o meu empenho prático aqui e agora.

O que transmite esta parábola? Primeiro, que o amor a Deus e o amor ao próximo são dois lados da mesma moeda. O amor a Deus não se traduz necessariamente em amor ao próximo ou nos torna mais misericordiosos e compassivos. No entanto, o amor ao próximo, certamente, nasce da experiência de que Deus nos amou, "*Nós amamos porque Ele nos amou primeiro*" (1 Jo 4:19). Este princípio une dois grandes mandamentos do Deuteronômio 6: 5 e do Levítico 19:18. Em segundo lugar, esta parábola é um exemplo perfeito do que o amor compassivo e misericordioso pode alcançar: é capaz de nos fazer *parar e ver a necessidade do outro*; ele é capaz de identificar-nos com nosso próximo necessitado; nós temos que fazer sacrifícios para os outros; ser generosos para usar nosso tempo e para compartilhar com os outros; temos que caminhar uma milha a mais para aliviar o sofrimento dos outros; nos dispõe para servir os outros com amor, "*Cada vez que vocês fizeram isso a um dos meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.*" (Mt 25:40).

Para concluir a reflexão sobre esta parábola, o Pe. Thomas Rosica, CSB, fala das quatro "P" desta parábola que transmitem a mensagem central da história: *Poderosa, Pessoal, Pastoral e Prática*. Ele escreve: "Esta narrativa de Lucas tem um grande alcance: es *poderosa* porque fala do poder do amor que transcende todos os credos e culturas, e "cria" uma estreita relação a partir de um completamente desconhecido. A parábola é *pessoal*, pois descreve com profunda simplicidade o nascimento de um relacionamento humano que tem um toque pessoal, físico, que vai além dos tabus sociais e culturais, a partir do momento em que uma pessoa cura as feridas do outro. A parábola é *pastoral*, porque ela é preenchida com o mistério do cuidado e da preocupação que está no coração dos seres humanos. A história é principalmente *prática*, pois nos impele a superar todas as barreiras da cultura e da comunidade para ir e fazer o mesmo."

- "**Qual destes três você acha que foi seu próximo... ?**" ( V.36 )

- "**Aquele que lhe mostrou misericórdia.**" ( V.37 ) - "**Vá e faça o mesmo.**"

**Conclusão: Uma chamada para ser um próximo misericordioso!**